

## 5

### **Madre Maria Teresa: uma nova prática de mortificação**

A partir deste capítulo, aplicaremos o método analítico sistemático para analisar textos seletos extraídos das conferências espirituais de Madre Maria Teresa às suas religiosas. Através destes textos, teremos condições de saber que concepção ela tinha de ser humano e de salvação; e como esta concepção foi determinante para que ela elaborasse um novo conceito e, conseqüentemente, uma nova prática de mortificação, diferente da comumente praticada à época.

#### **5.1.**

##### **Antropologia**

Nossa metodologia de pesquisa seguirá os seguintes passos: de início, realizaremos uma análise crítica, sob o viés da antropologia, de textos selecionados das conferências de Madre Maria Teresa relacionados ao tema da ‘santidade’; num segundo momento, já dispo de elementos antropológicos presentes nesses textos, e com o auxílio do pensamento de alguns teólogos e do ensinamento do magistério da Igreja, realizaremos uma análise conclusiva a respeito da compreensão antropológica embutida no pensamento de Madre Maria Teresa.

##### **5.1.1.**

##### **Santidade: comungar do amor de Cristo**

Configurar-se a Cristo em todas as circunstâncias da vida é o caminho que seguramente leva à santidade. E Madre Maria Teresa tinha consciência de que este caminho passava necessariamente pela vivência do amor. É amando, em todas as circunstâncias da vida, que nos configuramos a Cristo:

“Ser santa é a meta da religiosa e essa santidade se fundamenta nesta disponibilidade, nesta doação de toda hora a Deus, à sua santa vontade manifestada através dos nossos superiores, das nossas constituições e dos acontecimentos cotidianos<sup>353</sup>”.

---

<sup>353</sup> MADRE MARIA TERESA, *Retiro*. In: *CMMTJE*, Vol. III, p. 451.

Numa conferência às religiosas que se preparavam para a profissão dos conselhos evangélicos, Madre Maria Teresa, de modo conciso e direto, como era seu costume, enfatiza com vigor a primazia do amor na vida religiosa:

“Professar quer dizer prometer solenemente diante do altar, diante da Igreja representada pela autoridade eclesiástica, pelo bispo, diante de nossas irmãs, diante de nossa família e diante de todos os assistentes, que vamos praticar os votos de castidade, obediência e pobreza, por um só e único motivo: amor. Jesus é o nosso único amor. E por isso que é sob essa luz do amor que vamos nos colocar nesse dia. Não é para adquirir as virtudes da fidelidade, do recolhimento, do desprendimento, que vamos professar, mas por um motivo de amor. Todas as virtudes são necessárias, é verdade, mas foi o amor que nos trouxe aos pés do altar; foi porque sentimos que amamos a Jesus, que só a ele podemos entregar o nosso coração, que só ele pode nos dar a felicidade para a qual fomos criadas. Deus nos criou com essa ânsia de amor e só Jesus pode nos dar a saciedade desse amor. Resolvemos que nossa vida seria só amor para ele e por isso é que quisemos ser castas, pobres e obedientes, para merecer, para conseguir o amor”<sup>354</sup>.

Santidade é viver o amor de Deus no cotidiano da vida. Isto era muito claro para Madre Maria Teresa. Segundo ela, todas as práticas da vida religiosa só têm sentido se informadas pelo amor:

“O amor é a força que nos levanta acima de tudo. As virtudes, os sacrifícios feitos por um motivo de amor têm outro impulso. Já não há dureza, preocupação, não se corta a frio, porque tudo se faz porque se ama. Não devemos nos iludir; a vida religiosa exige sacrifícios, mas quando tudo é informado pelo amor, adquire um sabor doce, suave, diferente”<sup>355</sup>.

Embora escrevesse, às vezes, de modo ‘poético’, Madre Maria Teresa não era ingênua. Não tinha uma compreensão pueril de santidade. Quando fala do amor, refere-se ao amor real da vida cotidiana, que exige sacrifícios, superação de antipatias, de preconceitos e até de inimizades. Tanto que boa parte de suas reflexões a respeito do amor aconteceu em conferências às suas religiosas sobre o tema da vida fraterna. É interessante observar, nestas conferências, como Madre Maria Teresa é lúcida e realista; como tem consciência tanto da fragilidade da natureza humana como da força renovadora do amor de Deus, que pode modificar as pessoas e suas relações. A seguir, um trecho de uma dessas conferências:

“Sem a caridade a vida comum é impossível. Somos todas diferentes umas das outras. Não há duas que se assemelhem. Temos educação, temperamento, gostos, idéias, modo de ver e compreender as coisas diferentes. Cada uma tem a sua personalidade, e sacrificar esta personalidade não se faz sem esforço. Nós, aqui,

<sup>354</sup> Idem, *Preparação para a profissão perpétua*. In: *CMMTJE*, Vol. II, pp. 189-190.

<sup>355</sup> *Ibidem*, p. 190.

somos todas – precisamos nos certificar bem disso – umas para as outras verdadeiros espinhos. As superiores para as irmãs e estas para as superiores, e para as suas iguais. Não pensemos que somos uma suavidade, um alívio para as nossas irmãs. Somos espinhos umas para as outras, então, a caridade deve ser a cera macia que reveste a ponta dos espinhos e não os deixa se ferirem mutuamente. Sem a caridade não seria possível a vida comum”<sup>356</sup>.

Madre Maria Teresa tinha clareza, como vimos, de que sem caridade não há possibilidade de santidade. Como também era cônica de que caridade não é simplesmente sinônimo de boas obras:

“Muita gente pensa que caridade é dar esmolas, tratar dos doentes, socorrer os pobres. Isso não é caridade; isso pode ser um sentimento natural de bondade. A caridade é Deus. Quem é Deus? Que é essa caridade que existe em Deus? Se nós, pobres criaturas, pudéssemos penetrar na essência de Deus, veríamos essa vida trinitária intensa; veríamos o amor; veríamos Deus trino que vive amando. O Pai por amor gera o Filho; o Filho ama o Pai que o gerou, e desse amor mútuo do Pai e do Filho, procede o Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho pelo amor. Isso é que é amor. Viver para Deus é, pois, amar. Esse amor é essa essência de vida que há na Santíssima Trindade e que se derrama em nós pela vida da graça; quando, pela misericórdia divina, a alma se torna cristã, ela se enxerta em Deus e começa a participar da vida de Deus. Nela há uma vida nova, uma seiva nova que a impregna totalmente, é a vida de amor da Santíssima Trindade dentro dela. Essa essência que existe na Santíssima Trindade existe também em nossa alma, e é o amor. O amor é essa vida, essa operação da Santíssima Trindade em nós”<sup>357</sup>.

Simplificando, podemos afirmar que Madre Maria Teresa concebia a caridade como ‘Deus vivendo em nós; amando através de nosso ser’. Daí a constante e repetida orientação sempre dirigida às suas religiosas para continuamente tudo realizarem motivadas unicamente pelo amor de Deus:

“Tudo em nossa vida deve se resumir no amor. Estamos estudando, trabalhando, nos deveres de estado, no recreio descansando o espírito por uma expansão lícita, nas distrações, dando aos nervos uma distensão por um prazer lícito, tudo isso é amor. É por amor, é para o amor, é para crescer no amor”<sup>358</sup>.

Santidade, segundo o pensamento e ensinamento de Madre Maria Teresa, é amar como Jesus amou; é comungar do mesmo amor de Cristo:

“Devemos nos amar, mas de que maneira? Com o nosso coração, está claro, com o coração de carne que o próprio Deus nos deu. Amar a todos e a cada uma de nossas irmãs, profundamente, sinceramente, amar a cada uma das almas que nos foram confiadas ou que nos cercam. Mas, se devemos amar com o nosso coração de carne que nos foi dado, devemos fazê-lo também de maneira sobrenatural. E como? Vendo em cada uma das irmãs, das nossas doentes, dos nossos superiores, do nosso

<sup>356</sup> Idem, *Sobre a vida comunitária*. In: *CMMTJE*, Vol. I., p. 122.

<sup>357</sup> Idem, *A caridade*. In: *CMMTJE*, Vol. II, p. 202.

<sup>358</sup> *Ibidem*, p. 203.

próximo em geral, almas amadas por Jesus, pelas quais ele se sacrificou e morreu. São filhos de Deus e nossos irmãos. Amá-los, por isto, em Deus e por Deus. Jesus Cristo e os cristãos formam, segundo são Paulo, um só corpo, corpo místico do qual Jesus é a cabeça. A seiva que o anima é uma seiva única, a da caridade, a do amor”<sup>359</sup>.

### 5.1.2.

#### **Espírito de sacrifício: condição para crescer no amor**

Como disse anteriormente, Madre Maria Teresa não era uma pessoa ingênua, sabia muito bem que amar exige sacrifícios, pois nossa natureza humana é inclinada aos vícios, aos pecados. Segundo seus ensinamentos, para vencer esta má inclinação é necessário o ‘espírito de sacrifício’: “Uma alma religiosa que quer se dar a Nosso Senhor, que quer ser santa, mas quer estar sempre à vontade, fazer tudo o que deseja, não possui espírito de sacrifício”<sup>360</sup>.

O que ela entende por ‘espírito de sacrifício’? Segundo palavras da própria Madre Maria Teresa, espírito de sacrifício é “ter habitualmente o coração voltado para o sacrifício”<sup>361</sup>. Em outras palavras, é manter uma constante atitude de disponibilidade para renunciar a tudo o que obstrui nosso crescimento no amor. E toda renúncia implica sacrifício, implica penitência. Com alguns exemplos bem concretos do cotidiano da vida de uma irmã pequena missionária, Madre Maria Teresa ilustra bem este ensinamento: “Prestar atenção a um doente, quando se está com vontade de mandá-lo ir para longe. Suportar um temperamento antipático, enfim, mil pequenas coisas que se apresentam (...)”<sup>362</sup>.

Numa época em que as penitências corporais eram abundantemente incentivadas, Madre Maria Teresa foi uma feliz exceção, pois possuía uma equilibrada e sensata compreensão de penitência. Segundo ela, a penitência válida é somente aquela que nos leva a vencer nossa inclinação ao pecado e a, conseqüentemente, crescer na comunhão com Deus: “A penitência é um meio para nos levar à santidade e não um fim. Não devemos fazer penitência para o nosso prazer, nem para nos orgulhar, mas o fim da penitência e do sacrifício é nos unir a Deus (...)”<sup>363</sup>.

Por isso mesmo ela concebia a vida religiosa como um constante sacrifício:

<sup>359</sup> Idem, *O espírito de caridade*. In: *CMMTJE*, Vol. I, p. 66.

<sup>360</sup> Idem, *O espírito de sacrifício*. In: *CMMTJE*, Vol. II, p. 125.

<sup>361</sup> Ibidem.

<sup>362</sup> Ibidem, p. 126.

<sup>363</sup> Idem, *A santa Quaresma*. In: *CMMTJE*, Vol. III, p. 297.

“Tem gente que pensa que sacrifício é só no noviciado e que, depois da profissão, tira diploma e já pode ficar sossegada. É luta de toda hora, de cada instante, até o fim da vida. Fica amortecida a nossa natureza, mas nunca morre. Devemos saber que a luta contra a nossa natureza é nossa companheira de todas as horas e de todo instante (...)”<sup>364</sup>.

Quando Madre Maria Teresa fala de luta contra a ‘nossa natureza’, ela refere-se não à natureza humana em si, mas à inclinação ao pecado presente em todo ser humano: “Há um outro senhor em nós, é o nosso eu, as nossas inclinações más. Daí vem a necessidade do sacrifício”<sup>365</sup>. É preciso, pois, viver em estado de sacrifício para continuamente vencer a inclinação ao pecado: “O sacrifício tem essa finalidade de fazer viver Jesus em nós, esvaziar-nos de nós mesmas, esvaziar a ‘praça’ para deixar lugar limpo para Nosso Senhor”<sup>366</sup>.

### 5.1.3. Virgem Maria: modelo de santidade

Madre Maria Teresa tinha uma devoção toda especial à Virgem Maria, tanto que a considerava como a ‘primeira pequena missionária da história’: aquela que é modelo de santidade para todas as religiosas da congregação. Por isso tinha o cuidado de apresentar uma equilibrada devoção à Virgem, evitando a piedade evasiva e o meloso sentimentalismo. Para Madre Maria Teresa, Maria é a mulher de fé, esperança e caridade que deve servir de inspiração para todas as irmãs pequenas missionárias:

“Não é só gostar muito de Nossa Senhora, ter devoção, espalhar novenas, falar coisas bonitas, fazer festinhas, enfeitar com flores sua imagem em dia de festa, e não passar daí. Isso não é verdadeiro e muito menos íntimo amor<sup>367</sup>; isso não passa de uma piedade de água de flor de laranjeira, uma devoção estéril. A pequena missionária precisa fazer consistir as suas festas na imitação das virtudes de Nossa Senhora (...)”<sup>368</sup>.

Numa conferência sobre as regras da congregação, Madre Maria Teresa elenca, a partir dos principais fatos da vida da Virgem Maria, as virtudes básicas para a santidade cristã. Começa falando da caridade:

<sup>364</sup> Idem, *O espírito de sacrifício*. In: *CMMTJE*, Vol II, p. 125.

<sup>365</sup> Ibidem, p. 127.

<sup>366</sup> Ibidem, p. 126.

<sup>367</sup> ‘Íntimo amor’ era uma expressão própria de Madre Maria Teresa. Significava procurar conhecer bem uma coisa ou alguém para amá-la com intensidade sempre crescente. Por isso ela insistia que cada mistério da vida da Virgem Maria deveria ser estudado com profunda atenção, pois são verdadeiros tratados da santidade cristã.

<sup>368</sup> MADRE MARIA TERESA, *Devoção a Nossa Senhora*. In: *CMMTJE*, Vol. I, p. 116.

“No mistério da visitação admiramos a caridade perfeita de Nossa Senhora. O evangelho fala muito pouco quando se refere à mãe de Jesus, mas esse pouco diz muito, diz tudo para quem a ama e conhece. Assim se exprime o evangelho, nesse ponto: ‘Maria foi a toda pressa, por caminhos desertos, às montanhas da Judéia’. A toda pressa quer dizer que a caridade de Nossa Senhora era diligente, era pronta; ela não foi descansando pelo caminho, procurando as suas comodidades, pensando em si, não. Ela esqueceu de si própria, de suas fadigas, para só se lembrar que havia alguém, sua prima santa Isabel, que precisava de seu auxílio (...). Que belo exemplo de caridade temos nesta passagem de sua vida! E ficou três meses em casa de sua velha prima, prestando-lhe os serviços mais humildes, servindo-a (...)”<sup>369</sup>.

Num segundo momento, enaltece a humildade e a simplicidade de Maria:

“Na purificação, ao pé da cruz, no Calvário, enfim, em todas as fases de sua vida, Nossa Senhora viveu sempre oculta, sempre escondida. Só o menino Jesus, são José, na terra, e Deus e os anjos, no céu, conheciam sua beleza e santidade imensas. Ela praticou em grau heróico a simplicidade e a humildade”<sup>370</sup>.

Em seguida, traça o perfil da irmã pequena missionária a partir das virtudes da Virgem Maria:

“Assim é que eu quero a pequena missionária e é por isso que digo sempre que ela não deve ter fachada, isto é, nada de exterioridades, de freira de muita aparência, que queira aparecer muito heróica. Nada disso! Não quer dizer que eu não queira missionária heróica, porque pequena missionária tem que ser heróica, mas na simplicidade, na humildade, nos pequenos sacrifícios ocultos, no silêncio, vista só aos olhos de Deus. Quero que a pequena missionária seja uma irmã muito modesta, humilde, mas que no interior seja profundamente boa e pratique todas as nossas virtudes com verdadeiro heroísmo. Nossa Senhora é o nosso modelo em tudo”<sup>371</sup>.

Por fim, Madre Maria Teresa conclui a reflexão destacando a amabilidade como outra virtude da Virgem Maria a ser imitada pela pequena missionária: “Aprendamos dela a sermos amáveis, alegres e delicadas com as nossas doentes e a estarmos sempre prontas para lhes fazer tudo, suavizando-lhes, assim, os sofrimentos”<sup>372</sup>.

A amabilidade era uma virtude que muito impressionava Madre Maria Teresa. Praticamente, ela sintetizava todas as virtudes da Virgem Maria na amabilidade:

“(...) Nossa Senhora foi a maior missionária de todos os tempos; foi missionária pela bondade, pela amabilidade. A amabilidade é a virtude que a santa regra prescreve às pequenas missionárias, dizendo: ‘tenham a amabilidade como uma de

<sup>369</sup> Ibidem, p. 117.

<sup>370</sup> Ibidem, pp. 117-118.

<sup>371</sup> Ibidem, p. 118.

<sup>372</sup> Idem, *Nossa Senhora no Mistério da Visitação*. In: *CMMTJE*, Vol. I, p. 47.

suas maiores armas de apostolado'. E é pela amabilidade, pela bondade, pela alegria que ela deve levar as almas para Nosso Senhor. A pequena missionária precisa ser tão parecida com Nossa Senhora que, ao passar, dê a impressão que é ela quem está passando, pela suavidade, pelo bem, pela bondade que espalha sempre em volta de si"<sup>373</sup>.

Caridade, humildade e amabilidade formam o tripé de 'virtudes marianas' que segundo Madre Maria Teresa, devem não só inspirar, mas principalmente sustentar uma irmã pequena missionária no caminho rumo à santidade.

#### 5.1.4.

#### **Conclusão: amar é a vocação de todo ser humano**

Toda definição de santidade traz implícita uma concepção de ser humano. A partir de uma conceituação do que é ser santo, é possível também definir o que é ser humano. Pelos textos expostos e analisados a respeito da santidade, vamos agora extrair a concepção antropológica subjacente ao pensamento de Madre Maria Teresa.

É evidente, pelos textos selecionados, que Madre Maria Teresa fundamenta a existência cristã na vivência do amor. O papa João Paulo II, na encíclica *Redemptor hominis*, corrobora este pensamento:

“O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se não o experimenta e se não o torna algo seu próprio, se nele não participa ativamente”<sup>374</sup>.

Parece tão óbvio vincular a santidade cristã ao amor caridade, no entanto, não é tão simples assim. Ao longo da história da espiritualidade cristã, não faltaram concepções errôneas de santidade, que relegavam a segundo plano a importância da caridade. Basta recordar os 'gnósticos', que diferenciavam os cristãos a partir do grau de conhecimento da verdade revelada; os 'montanistas', que colocavam a santidade nos dons da profecia e nos êxtases; os 'alumbrados' e 'quietistas', que colocavam a santidade na alta contemplação e na absoluta passividade. Sempre existiu o perigo de uma fundamentação parcial da vida cristã segundo erros teológicos da época. Não se exclui a caridade, porém, se acentuam elementos que são secundários para definir a santidade cristã<sup>375</sup>.

<sup>373</sup> Idem, *Devoção a Nossa Senhora*. In: *CMMTJE*, Vol. I, p. 116.

<sup>374</sup> RH n. 10.

<sup>375</sup> Cf. GAMARRA, S., *Teología espiritual*, 2. ed., Madrid, BAC, 2004, p. 124.

Existem também as fundamentações incompletas da caridade. Aquelas que a reduzem tão somente ao compromisso social. Trata-se de caridade exclusivamente operativa, caracterizada pelo ‘fazer obras’. Também existem as concepções afetivas, intimistas de caridade, que não levam em conta o compromisso com o próximo. Em ambos os casos, a fundamentação é incompleta<sup>376</sup>. No entanto, além de vincular corretamente a santidade à prática da caridade, Madre Maria Teresa também soube explicitar muito bem a sua unidade, evitando, assim, tanto o reducionismo operativo quanto o afetivo.

A partir dessa noção de santidade vinculada ao desenvolvimento da capacidade de amar, pensamento latente nas conferências de Madre Maria Teresa, revela-se uma noção de ser humano, cuja identidade consiste no amor. O afamado teólogo alemão, Karl Rahner, pensava da mesma forma: “A capacidade fundamental de amar é a estrutura única, última da pessoa, que a expressa adequadamente”<sup>377</sup>. Por isso Madre Maria Teresa resume a santidade, fim último do ser humano, ao desenvolvimento da capacidade de amar. Somente amando, o ser humano realiza-se como pessoa.

O amor cristão, a caridade, não prescinde do amor humano, pelo contrário, necessita dele; porém, supera-o. Quando Madre Maria Teresa afirmava que devemos amar com nosso ‘coração de carne’<sup>378</sup>, fazia referência justamente a esta verdade. Começamos amando com nosso amor pessoal, amor indigente, que se prende ainda a muitos interesses individuais. Contudo, este amor de indigência precisa evoluir para o chamado amor oblato, que Madre Maria Teresa, seguindo o ensinamento teológico de sua época, denominava ‘amor sobrenatural’<sup>379</sup>. Este amor sobrenatural significa amar com os mesmos sentimentos de Cristo: sacrificando-se, se necessário, pelo bem dos outros. Isto exige evidentemente um avanço qualitativo na capacidade humana de amar, avanço este que não é negação do amor humano, do amor a si próprio; muito pelo contrário, o avanço qualitativo na capacidade de amar ocorre justamente na integração do amor a si mesmo com o amor ao próximo. Pois a caridade é ‘amor com benevolência’, ou seja, amor que vence o egoísmo, que rompe os limites do amor a si próprio e busca o bem do

---

<sup>376</sup> Cf. Ibidem, p. 125.

<sup>377</sup> RAHNER, K., *Teologia de la libertad*. In: *Escritos de teologia*, Madrid, 1969, p. 222. Apud GAMARRA, S., *Teologia espiritual*, 2. ed., Madrid, BAC, 2004, p. 137.

<sup>378</sup> Cf. nota 358.

<sup>379</sup> Cf. Ibidem.

próximo. Para enriquecimento deste tema, é oportuno citar o pensamento do Papa Bento XVI, na encíclica *Deus caritas est*, quando fala da necessária integração entre o amor de indigência (*eros*) e o amor oblato (*agape*):

“Na realidade, *eros e agape* — amor ascendente e amor descendente — nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. Embora o *eros* seja, inicialmente, sobretudo ambicioso, ascendente — fascinação pela grande promessa de felicidade —, depois, à medida que se aproxima do outro, far-se-á cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais com ele, doar-se-á e desejará ‘existir para o outro’. Assim se insere nele o momento da *agape*; caso contrário, o *eros* decai e perde mesmo a sua própria natureza”<sup>380</sup>.

Este processo de integração entre o amor humano e o amor oblato reclama necessariamente um processo de purificação. Ambos evoluem simultaneamente. Sem purificação não há progresso na integração entre *eros* e *agape*. E Madre Maria Teresa tinha ciência deste fato. O termo por ela cunhado, ‘espírito de sacrifício’, ilustra bem a preocupação que tinha de conscientizar suas religiosas da importância de lutar cotidianamente contra as más inclinações da natureza humana, sempre tentada ao pecado<sup>381</sup>. Sem disciplina, sem renúncias, ela sabia que não se chega ao amor caridade.

E ao citar a Virgem Maria como modelo de santidade, antecipou-se ao Concílio Vaticano II, que a proclamou ‘modelo de virtudes’<sup>382</sup>. Em Maria, segundo Madre Maria Teresa, temos a consumação da pessoa humana totalmente realizada, plenificada pela caridade de Deus. Por isso, ela é modelo e inspiração para todos nós.

Em suma, para Madre Maria Teresa, a pessoa humana é vocacionada a comungar do amor de Cristo; comungar a alegria profunda que emana da vivência do amor caridade.

## 5.2. Soteriologia

Analisaremos, a partir de agora, a soteriologia subjacente ao pensamento de Madre Maria Teresa. E para isto seguiremos a mesma metodologia de pesquisa

---

<sup>380</sup> DC n. 7.

<sup>381</sup> Cf. nota 363.

<sup>382</sup> Cf. LG n. 65.

aplicada à antropologia. Primeiramente, consideraremos textos selecionados de Madre Maria Teresa a respeito da eucaristia, sacramento que ela considerava a fonte, por excelência, da salvação. Por fim, conhecendo os elementos soteriológicos presentes nesses textos, e, novamente, contando com o auxílio do ensinamento do magistério eclesiástico, realizaremos uma análise conclusiva a respeito da compreensão soteriológica latente no pensamento de Madre Maria Teresa.

### 5.2.1

#### **Eucaristia: modelo-referência de sacrifício cristão**

Jesus eucarístico foi o centro dos afetos e devoções de Madre Maria Teresa: “A eucaristia deve ser o pólo em redor do qual gravita sem cessar a pequena missionária; deve ser o ímã que atrai a sua força nas horas de luta (...)”<sup>383</sup>. Na eucaristia, ela vislumbrava o modelo ideal de sacrifício: a imolação total por amor. “Como a imolação é o estado habitual de Jesus no Santíssimo Sacramento, assim também deve ser o estado habitual da Pequena Missionária”<sup>384</sup> a isto aspirava Madre Maria Teresa para suas religiosas.

Almas voltadas para o sacrifício, ‘almas eucarísticas’, generosas e desprendidas de tudo. Era o ideal que Madre Maria Teresa buscava testemunhar com a própria vida. Ideal que insistentemente verbalizou as suas religiosas através de várias conferências sobre o tema da eucaristia. Em uma dessas conferências, ocorrida em 1937, ela proferiu essa incisiva e clara exposição:

“Cada uma de nós precisa ser outro Cristo, viver de tal modo mergulhada nele, que somente ele esteja em nossa vida, ações, pensamentos, etc. Deve dar-se conosco o mesmo que se dá com um ferro que se põe dentro do fogo; depois de certo tempo, ele já não é mais ferro, é fogo, com todas as qualidades deste. Tirado do fogo, torna a ser um pobre ferro frio como antes. A pequena missionária precisa ser o que é a hóstia depois da transubstanciação: já não é mais pão, mas Jesus, embora conserve as qualidades e aparência do pão. Assim no seu exterior deve ser ela, uma religiosa comum, simples, como qualquer moça piedosa, devota; mas no interior, na realidade, ser profundamente alma de oração e de sacrifício. Ser uma hóstia depois da transubstanciação. A isso se chega pela prática fiel, constante e heróica dos pequenos sacrifícios ocultos”<sup>385</sup>.

<sup>383</sup> MADRE MARIA TERESA, *As santas regras*. In: *CMMTJE*, Vol. II, p. 78.

<sup>384</sup> Idem, *Imolação pelo clero*. In: *CMMTJE*, Vol. I, pp. 102-103.

<sup>385</sup> Ibidem, pp. 106-107.

Madre Maria Teresa ousava dizer que “a pequena missionária é um complemento da vida eucarística de Nosso Senhor”<sup>386</sup>. Embora oculto no sacrário, Jesus eucarístico continua oferecendo-se pela salvação da humanidade; de modo semelhante, a pequena missionária, na simplicidade de seu dia-a-dia, unindo seus sacrifícios ao de Cristo, faz também de sua vida uma eucaristia, uma vida imolada em favor da humanidade:

“Como nós devemos amar o sacrifício, como nós devemos estar unidas a ele (Jesus) no despojamento da hóstia, na pequenez da hóstia, na doçura da hóstia, na brancura e na pureza da hóstia, na docilidade da hóstia que se deixa transportar para onde querem, na entrega da hóstia de se dar a todos quantos a ela se achegam! Jesus na hóstia é o nosso modelo. Nós devemos pensar que estamos na hóstia — ele nos consagrou e todo o nosso ser está contido no seu pensamento naquele primeiro pão — que ele consagrou e depois repartiu. (...) Nós também poderemos ser repartidas e dadas a todo o mundo. Não podemos nos guardar para nós mesmas. Temos que nos entregar a todos; devemos pertencer a todos; devemos ser de todos. Não nos podemos reservar para nós mesmas. Como Nosso Senhor, nós também somos consagradas e somos repartidas. E a nossa vida tem que ser, então, doação, tem que ser entrega, tem que ser imolação com a vida de Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento”<sup>387</sup>.

### **5.2.2. Imolação da vida: participação nos sofrimentos de Cristo**

Na celebração eucarística, a oferta da vida de Cristo deve estar acompanhada da oferta de nossa própria vida. Madre Maria Teresa sempre conclamava suas religiosas a se oferecerem com Cristo durante a consagração eucarística:

“No altar realiza-se todos os dias o santo sacrifício, tão real como se realizou no Calvário, só que não há o derramamento de sangue. Precisamos, pois, assisti a ele com grande espírito de fé e sacrificarmo-nos a nós mesmas com Jesus Cristo, bem unidas a ele. Oferecer Jesus, o seu santo sacrifício e a nós próprias, em união com ele à Santíssima Trindade, pelos pecados do mundo e para satisfazer à divina justiça”<sup>388</sup>.

Esta reflexão foi realizada antes da reforma litúrgica promovida pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, quando tão somente o ajudante do sacerdote respondia às orações em nome de todos os fiéis presentes. Mesmo aplicando o verbo ‘assistir’, corrente na época, Madre Maria Teresa tinha consciência de que não assistimos à missa como estranhos a ela, mas como quem participa do

<sup>386</sup> Idem, *O sacerdote*. In: *CMMTJE*, Vol. II, p. 260.

<sup>387</sup> Idem, *Quinta-feira santa (1966)*. In: *CMMTJE*, Vol. III, p. 66.

sacrifício e o oferece. O cristão não pode limitar-se a assistir à eucaristia; deve ser eucaristia com Cristo:

“Pelo batismo nós fomos incorporados a Jesus Cristo e formamos com ele um só corpo do qual ele é a cabeça e nós os membros. Sua vida se espraia em nós como a seiva da árvore vem da raiz e se comunica a todos os ramos. (...) Assim o simples fiel na santa missa participa do sacerdócio e da hóstia: é, ao mesmo tempo e em certa medida, sacerdote e vítima com Jesus. São João Crisóstomo escrevia falando da santa missa: ‘Não fiqueis inativos deixando o sacerdote fazer tudo sozinho’. O Cristo que se imola no altar é o Cristo total, isto é, Jesus que é a cabeça e nós que somos os seus membros”<sup>389</sup>.

Todos os batizados devem participar ativamente da eucaristia. Era isto que Madre Maria Teresa queria de suas religiosas. Que unissem ao sacrifício de Cristo a própria vida, com tudo o que a caracteriza – alegrias, sofrimentos, trabalhos, sucessos, insucessos, entre outros aspectos. Agindo assim, a vida adquire um sentido novo, torna-se também eucaristia, dom de nós mesmos a Deus e aos outros, como fez Cristo.

Madre Maria Teresa ainda utiliza um símbolo da própria celebração eucarística para expressar o modo como a pequena missionária deve participar do sacrifício de Cristo:

“Ainda um símbolo de nossa participação ao santo sacrifício é a gotinha de água que o sacerdote derrama no cálice que vai ser consagrado. É uma parte ínfima, quase nula, mas o padre não pode consagrar sem ela. É a nossa parte na oferenda: nossa parte ativa no grande drama que temos diante dos olhos, no qual devemos representar nosso papel, dar nosso quinhão, entrar com alguma coisa de nós mesmos. Ela representa os nossos sacrifícios, as nossas imolações que devem ser unidas ao sacrifício e às imolações de Jesus no altar”<sup>390</sup>.

Sobre o altar, nossos sofrimentos são ‘transsubstanciados’ nos sofrimentos de Cristo, mas é a comunhão eucarística, acrescenta Madre Maria Teresa, que definitivamente consuma nossa participação no sacrifício de Cristo:

“Quando o sacerdote oferece a hóstia, coloquemos também sobre o altar a nossa imolação pela fidelidade à regra, o cumprimento do dever, as nossas cruces, para que sejam transsubstanciadas nos sofrimentos de Jesus, numa só e mesma oblação. Isto se consuma pela comunhão: ele se faz uma só coisa conosco, uma só e mesma vítima. Então Deus Pai não vê senão uma só hóstia: nós nos fundimos, nos perdemos dentro da humanidade de Jesus e fazemos uma só coisa com ele. Também nos sacrifícios da lei antiga havia a manducação da vítima pelos sacerdotes e as pessoas que ofereciam o sacrifício. A vítima era assim imolada aos

<sup>388</sup> Idem, *O espírito eucarístico da Pequena Missionária*. In: *CMMTJE*, Vol. I, p. 89.

<sup>389</sup> Idem, *A Santa Missa*. In: *CMMTJE*, Vol. I, pp. 238-239.

<sup>390</sup> *Ibidem*, p. 240.

que a ofereciam; na comunhão, porém, nós é que somos assimilados em Jesus, como deificados, tornados outros Cristos. Ele, em cada alma, oferece e consome o seu sacrifício. A comunhão é, portanto, essencial à integridade do sacrifício. E é com esse espírito de participação do poder sacerdotal e vital de Jesus que devemos ir a ela. Assim, terminada a missa devemos sair dela mais Jesus e menos nós, mais unidas à vítima divina e formando com ela uma só coisa”<sup>391</sup>.

Na participação dos sofrimentos de Cristo, Madre Maria Teresa fundamenta a vocação e missão das religiosas pequenas missionárias:

“E nós, pequenas missionárias de Maria Imaculada, temos a missão de usar continuamente desse poder sacerdotal (sacerdócio batismal), de oferecermos muitas e muitas vezes a divina vítima e de nos oferecermos com ela, de estarmos sempre presentes ao seu sacrifício, integradas nele como uma só hóstia. (...) Nossa vocação nos põe no centro do cristianismo, no que ele tem de mais sublime. Vamos aprender a viver a missa, não só no momento em que estamos na capela assistindo a ela, mas durante todo o dia. A cada sacrifício que encontramos lembremo-nos de que estamos caindo em um cálice pelo sacrifício de nós mesmas. E pela fidelidade aos pequenos sacrifícios de toda hora seja nossa vida uma missa perene e nossa comunhão eterna será no céu. Assim nossa vida terá sido a mais bela e terá tido a maior eficácia possível, de maior glória para Deus e proveitosa à Igreja”<sup>392</sup>.

### 5.2.3.

#### **Espírito de imolação e de reparação pelos sacerdotes**

Segundo suas constituições, a congregação das pequenas missionárias de Maria Imaculada tem como meta a realização de dois apostolados bem definidos. Um é o apostolado, ‘denominado exterior’, com os doentes e os desamparados, sendo a missão da pequena missionária a de suavizar-lhes os sofrimentos físicos, levando, ao mesmo tempo, remédio e alimento às suas almas<sup>393</sup>. O outro apostolado, ‘denominado interior’, é o da oração e dos sacrifícios pelos sacerdotes:

“Todos os méritos que possam conseguir, não só na adoração do Santíssimo Sacramento, como também em suas orações, obras de caridade e sacrifícios, ofereçam as irmãs a Deus, dele implorando abundantes graças, pela santificação do clero, pelo incremento das vocações sacerdotais, para que o Senhor da messe dê à sua Igreja operários que pelas almas se entreguem e se consagrem em doação total e irrevogável”<sup>394</sup>.

A santificação do clero é o apostolado interior da pequena missionária. “Se a pequena missionária exteriormente é a serva dos doentes, interiormente ela deve

<sup>391</sup> Idem, *A Santa Missa. Nossa participação e aplicação de seus frutos*. In: *CMMTJE*, Vol. II, pp. 05-06.

<sup>392</sup> Ibidem, p. 06.

<sup>393</sup> Cf. CCPMMI n. 06.

ser a hóstia dos sacerdotes”<sup>395</sup>. E citando livremente um pensamento de santa Teresinha, Madre Maria Teresa dizia que “rezar pelas almas é ganhá-las a varejo, mas rezar pelos sacerdotes é ganhar almas por atacado, pois um só sacerdote é fator de conversão de muitas e muitas almas”<sup>396</sup>.

As constituições da congregação ainda acrescentam a obrigação às pequenas missionárias de realizar diariamente uma hora de adoração pela santificação dos sacerdotes e para a reparação das ofensas feitas a Jesus eucarístico<sup>397</sup>. E todas estas ‘obras meritórias’ devem, de antemão, ser destinadas unicamente para benefício dos sacerdotes, e não, para benefício próprio:

“A exemplo de santa Teresinha, ela (pequena missionária) deve ser uma alma inteiramente generosa e desprendida de tudo, ela não armazena tesouros para a eternidade, não trabalha, não sofre, não reza para encher sua bolsa espiritual! Tudo o que tem, tudo o que vai ganhando é para os sacerdotes. Imola-se também incessantemente para que Jesus eucarístico encontre para o seu serviço almas sacerdotais menos indignas dessa sublimidade”<sup>398</sup>.

As pequenas missionárias deverão constituir, através das ‘obras meritórias’, um ‘capital de graças’ capaz de sustentar os sacerdotes no trabalho pastoral cotidiano:

“Sabemos que nada guardamos para nós. Esperamos nosso céu, esperamos nossa recompensa exclusivamente de Nosso Senhor, da sua misericórdia, da sua bondade, porque na terra não estamos armazenando nenhum mérito; e se méritos nós alcançamos pelas nossas orações, pelos nossos sacrifícios, pelos nossos trabalhos em relação à virtude, pelo nosso trabalho de caridade em relação ao próximo, nada disso vai para o nosso celeiro. Vamos chegar ao céu completamente pobres e de mãos vazias e vamos esperar a nossa recompensa da bondade e da misericórdia de Nosso Senhor, porque não teremos direito a nada no céu, nada, nada, porque tudo o que pudemos conquistar, aqui na terra, demos pelos sacerdotes. Este é o espírito da pequena missionária. Os frutos dos nossos dias de calor, de sofrimento, de sacrifício, de trabalho, de tentações, de esforços, de incompreensões, de perseguições, de tudo isso, o seu celeiro é aquele celeiro dos sacerdotes onde eles têm o direito de ir buscar, hora por hora e minuto por minuto, reservas para sua perseverança, para sua santificação, para seu apostolado, para tudo aquilo que eles precisarem na sua vida eucarística. É deles. Não é nosso. Portanto, não devemos nos esquecer minuto por minuto que temos que encher os celeiros dos sacerdotes”<sup>399</sup>.

---

<sup>394</sup> Ibidem, n. 05.

<sup>395</sup> MADRE MARIA TERESA, *O sacerdote*. In: *CMMTJE*, Vol II, p. 161.

<sup>396</sup> Ibidem.

<sup>397</sup> Cf. CCPMMI nn. 3-4.

<sup>398</sup> MADRE MARIA TERESA, *Imolação pelo clero*. In: *CMMTJE*, Vol. I, p. 104.

<sup>399</sup> Idem, *O sacerdote*. In: *CMMTJE*, Vol II, p. 269.

Cuidar de alguém é sentir-se co-responsável pelo seu destino. Por isso, Madre Maria Teresa chama esta solicitude pelos sacerdotes de “maternidade espiritual”:

“Sabemos que os sacerdotes são os nossos filhos e que as mães não pensam em si, mas continuamente trabalham pelos filhos. E sem cansar, sem se desiludir, sem se decepcionar, sem sentir ingratidões, sem reclamar, elas dão, dão, dão até o último suspiro, porque a missão da mãe é dar continuamente, é dar-se continuamente pelos filhos que Nosso Senhor lhes confiou. E nós temos essa maternidade espiritual para com os sacerdotes e devemos dar, dar, dar sem nunca cansar”<sup>400</sup>.

Além de oferecer sacrifícios pela santificação do clero, Madre Maria Teresa também exigia que suas religiosas se oferecessem em reparação pelas faltas cometidas pelos sacerdotes:

“A pequena missionária tem como dever de regra o espírito de reparação pelos sacerdotes. Quando algum escorrega e é infiel, Nosso Senhor tem o direito de vir buscar consolação e alívio na alma da pequena missionária. Quando ele quiser dar alguma graça especial a algum de seus padres, pode vir buscar na nossa alma a compensação, a paga desse favor. Estamos aqui na terra como reféns pelos sacerdotes”<sup>401</sup>.

Estado habitual de imolação contínua, à semelhança de Jesus eucarístico, pela santificação do clero, e é o núcleo da espiritualidade eucarística de Madre Maria Teresa e de suas religiosas.

#### 5.2.4.

#### **Conclusão: o valor redentor do sofrimento cristão**

É notório, pelos textos selecionados, que Madre Maria Teresa tinha a eucaristia como a ‘fonte da salvação’. Daí a razão da insistência em que suas religiosas participassem ativamente da celebração eucarística, oferecendo seus sacrifícios pessoais em comunhão com o sacrifício de Cristo<sup>402</sup>. Ela incentivou a prática dos pequenos sacrifícios, porém não cometeu exageros; não foi apologista de sofrimentos mórbidos. O que ela ensinou está em consonância com a fé da Igreja<sup>403</sup>. Neste sentido é válido analisar o que afirma o Papa João Paulo II a respeito do sofrimento, na Carta Apostólica *Salvifici doloris*:

---

<sup>400</sup> Ibidem.

<sup>401</sup> Idem, *Imolação pelo clero*. In: *CMMTJE*, Vol. I., p. 105.

<sup>402</sup> Cf. notas 387-391.

<sup>403</sup> CIC n. 1368: “A Igreja, que é o Corpo de Cristo, participa da oferta de sua Cabeça. Com Cristo, ela mesma é oferecida inteira. Ela se une à sua intercessão junto ao Pai por todos os homens. Na eucaristia, o sacrifício de Cristo se torna também o sacrifício dos membros de seu Corpo. A vida

“O sofrimento de Cristo criou o bem da redenção do mundo. Este bem é em si mesmo inexaurível e infinito. Ninguém lhe pode acrescentar coisa alguma. Ao mesmo tempo, porém, Cristo, no mistério da Igreja, que é seu Corpo, em certo sentido abriu o próprio sofrimento redentor a todo sofrimento humano. Na medida em que o homem se torna participante dos sofrimentos de Cristo – em qualquer parte do mundo e em qualquer momento da história – tanto mais ele completa, a seu modo, aquele sofrimento, mediante o qual Cristo operou a redenção do mundo”<sup>404</sup>.

Em outras palavras, João Paulo II afirma que Cristo realizou a redenção do gênero humano completamente, mas não a encerrou, pois ele quis deixar aberto seu sacrifício salvífico a todo e qualquer sofrimento humano. Isto significa que toda pessoa que associa seu próprio sofrimento ao de Cristo participa igualmente do caráter redentor do sacrifício de Cristo; está remindo com Cristo. Em síntese, unido ao sofrimento de Cristo, o sofrimento humano adquire uma ‘força salvífica’.

E a fonte, por excelência, para unir nossos sofrimentos ao de Cristo é a eucaristia. Unidos ao mistério pascal, estes pequenos sacrifícios adquirem valor redentor e, assim, potencializam a vontade humana para romper com o egocentrismo e abrir-se ao outro e às suas necessidades. Justamente, por isso, ‘eucaristizar os pequenos sacrifícios do dia-a-dia’ era um imperativo para Madre Maria Teresa.

Entretanto, Madre Maria Teresa não pára por aí. Faz parte ainda de sua espiritualidade eucarística oferecer sacrifícios para santificar o clero<sup>405</sup>. É o que ela convencionou chamar, como já vimos anteriormente, de ‘maternidade espiritual’. E sentir-se co-responsável pela santificação dos sacerdotes é realmente possível no âmbito da fé; tem consistência teológica, pois se fundamenta na solidariedade que há entre os membros que formam o corpo místico de Cristo. Ainda mais uma vez, na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, João Paulo II explica esta solidariedade salvífica do sofrimento:

“A fé na participação dos sofrimentos de Cristo traz consigo a certeza interior de que o homem que sofre ‘completa o que falta aos sofrimentos do mesmo Cristo’, e de que, na dimensão espiritual da obra da redenção, serve, como Cristo, para a salvação de seus irmãos e irmãs. Portanto, não só é útil aos outros, mas presta-lhes ainda um serviço insubstituível. No corpo de Cristo que cresce sem cessar a partir da cruz do redentor, precisamente o sofrimento impregnado, impregnado do

---

dos fiéis, seu louvor, seu sofrimento, sua oração, seu trabalho são unidos aos de Cristo e à sua oferta total, e adquirem assim um valor novo. O sacrifício de Cristo, presente sobre o altar, dá a todas as gerações de cristãos a possibilidade de estarem unidos à sua oferta”.

<sup>404</sup> SD n. 24.

<sup>405</sup> Cf. notas 393-400.

espírito de Cristo, é o mediador insubstituível e autor dos bens indispensáveis para a salvação do mundo. Mais do que qualquer outra coisa o sofrimento é aquilo que abre caminho à graça que transforma as almas humanas. Mais do que qualquer outra coisa, é ele que torna presente na história da humanidade as forças da redenção. (...) Aqueles que participam dos sofrimentos de Cristo conservam nos sofrimentos próprios uma especialíssima parcela do infinito tesouro da redenção do mundo e podem partilhar este tesouro com os outros”<sup>406</sup>.

Purificar o amor humano até que ele alcance o nível de amor oblativo a Deus e ao próximo: esta asserção resume bem o que Madre Maria Teresa compreendia como processo de salvação, como caminho que conduz à santidade.

### 5.3.

#### Da disciplina exterior à disciplina interior

Pelos textos considerados, podemos concluir que, embora utilize categorias dualistas na compreensão do ser humano, Madre Maria Teresa tinha uma visão bastante otimista e realista do mesmo. A insistência na prática dos sacrifícios ilustra bem como ela tinha consciência de que o crescimento no amor requer obrigatoriamente uma vida disciplinada. Quanto a sua compreensão soteriológica, embora esta não apresente nenhuma novidade, pois segue o modelo do sacrifício expiatório, ela teve o mérito de não cair no ‘dolorismo’. Compreendeu, e bem, que não é a dor que purifica, que santifica, mas, sim, a ‘disciplina necessária’ para crescer na capacidade de amar. “Não é que Jesus se alegre em nos ver sofrer (...), mas se alegra por ver que sabemos dominar tudo na nossa natureza para nos unirmos a ele, por um motivo de amor”<sup>407</sup>. Este é o pensamento que melhor sintetiza tanto sua concepção antropológica como sua compreensão soteriológica.

Disciplina esta que purifica o temperamento e a vontade, não o corpo. Madre Maria Teresa delimita a interioridade como o campo de trabalho da mortificação:

“A nossa regra não nos prescreve penitências exteriores. Não nos disciplinamos e jejuamos como as carmelitas, não interrompemos, para recitar o ofício divino, o sono da noite como as dominicanas, não trabalhamos de manhã à noite sem o menor descanso como as salesianas. Temos boa alimentação, boa cama. Quanto ao exterior nossa regra é toda suavidade; fazemos exteriormente menos penitência que muita gente do mundo. E então onde fica a nossa mortificação? A nossa forma de penitência é a penitência interior: penitência da vontade, do amor próprio, do

<sup>406</sup> SD n. 27.

<sup>407</sup> MADRE MARIA TERESA, *Espírito de mortificação*. In: *CMMTJE*, Vol II, p. 230.

orgulho, do temperamento, da alegria constante, da fisionomia sempre amável, nas mais diferentes circunstâncias”<sup>408</sup>.

Penitência interior que pode ser resumida basicamente em três elementos: confiança em Deus e conhecimento de si, fidelidade nas pequenas coisas e amabilidade constante.

### 5.3.1.

#### **Confiança em Deus e conhecimento de si: mortificação do medo e da culpa mórbida**

Confiar sempre em Deus, experimentá-lo como um Pai amoroso, é um exercício de mortificação. Requer disciplina interior. Madre Maria Teresa toma como fonte desta confiança a graça batismal, que nos torna filhos e filhas de Deus:

“Pelo batismo recebemos a graça santificante, a graça de uma coisa que penetra, transfigura nossa alma, fazendo-nos participantes da natureza divina, fazendo-nos, por adoção, filhos de Deus. Somos chamados a ter esse sentimento da paternidade divina, sentimento de nossa filiação pela graça”<sup>409</sup>.

Mas apesar da graça batismal, continuamos sendo seres frágeis e pecadores. E não podemos perder a consciência de nossa fragilidade, pois ela é fundamental para nos abirmos ao auxílio divino. Esta era uma recomendação expressa de Madre Maria Teresa às suas religiosas:

“Temos maior razão de confiar em Deus quando temos o sentimento de nossa miséria, ou, antes, é o sentimento de nossa miséria que nos dá motivo para confiar em Deus. Quando pensamos que não podemos coisa alguma, então temos razão para esperar o socorro de Deus, porque naquilo que achamos que podemos, não precisamos de socorro. Quando achamos, porém, que não podemos nada, então é motivo de esperarmos tudo dele”<sup>410</sup>.

Autoconhecimento equilibrado, ou seja, a consciência serena de nossas fraquezas é o principal motivo para nos abandonarmos confiantes à assistência divina, pois Deus é nosso Pai e jamais deixará faltar os bens necessários à nossa salvação:

“Se uma criancinha achasse que o que sua mãe faz para ela não é bom e quisesse outra coisa, já não haveria mais aquele contentamento de sua mãe, nem a entrega da criança aos seus cuidados. Entregar-se, abandonar-se, é o fruto do sentimento da própria fraqueza. Ela sente o desvelo de que é objeto e se entrega confiante aos cuidados que lhe dão; não faz mais do que manifestar suas necessidades, e só pelo

<sup>408</sup> Idem, *Mortificação*. In: *CMMTJE*, Vol I, p. 48.

<sup>409</sup> Idem, *A confiança*. In: *CMMTJE*, Vol II, p. 38.

<sup>410</sup> Ibidem, pp. 38-39.

choro, quando não sabe falar ainda, sua mãe adivinha o de que ela precisa. Assim é para com Deus a alma voluntariamente pequena”<sup>411</sup>.

Contudo, adverte Madre Maria Teresa, confiança não deve ser confundida com passividade. A certeza de que somos filhos e filhas não deve levar-nos à inação:

“A confiança não é uma virtude passiva, não nos isenta da obrigação do esforço, da luta; isto seria o ‘quietismo’, doutrina que já apareceu e foi condenada pela Igreja. Não, a confiança é uma virtude ativa, virtude heróica, e não há heroísmo sem luta. Devo me esforçar para fazer tudo quanto depende de mim e, então, confiar no socorro de Deus”<sup>412</sup>.

Esclarecendo a necessidade da colaboração humana com a graça divina, Madre Maria Teresa cita expressamente santa Teresinha e a doutrina da infância espiritual:

“Santa Teresinha, no seu caminho de infância espiritual, quis esclarecer bem esse ponto, que ela temia não fosse bem compreendido. Ela tomou uma comparação para mostrar a parte de esforço que deve empregar a alma na sua santificação: a figura de uma criancinha que, chegada ao pé de uma escada, quer subi-la para ir se juntar à sua mãe que está em cima. A criancinha é muito pequena e por mais que se esforce não consegue subir e chora chamando por sua mãe. Esta, afinal, vendo tanto esforço impotente, e sabendo que sua filhinha não consegue mesmo subir sozinha, desce, toma-a nos braços e sobe com ela. É o que acontece com a alma e Deus. Precisamos chamá-lo a cada instante e levantar sempre o pé para subir. É preciso reconhecer nossa fraqueza, mas fazer todo esforço necessário, senão ele não virá em nosso auxílio, pois nos falta a boa vontade manifestada pelo esforço sério. A perfeição, a união de amor que havemos de adquirir não será fruto do nosso trabalho, mas obra de sua misericórdia compadecida de nossas fraquezas e misérias”<sup>413</sup>.

Ainda discorrendo sobre a confiança em Deus, Madre Maria Teresa destaca a relação de reciprocidade que há entre confiança e humildade. Era muito claro para ela que a confiança é fruto da humildade, pois só quem tem um ponderado conhecimento de si mesmo, de suas fraquezas, sente a necessidade da misericórdia divina. Por isso, com ousadia, exortava suas religiosas a se tornarem, através do exercício da humildade, testemunhas vivas da confiança na bondade de Deus:

“A pequena missionária é uma alma cheia de confiança e amor. Ela conhece a fundo o coração de Deus, sabe que ele é mais terno que uma mãe e, por causa mesmo de sua fraqueza e miséria, ela confia nele. Tanto mais confia quanto mais fraca e miserável se sente. Sua confiança nasce de sua humilhação, do

<sup>411</sup> Ibidem, p. 39.

<sup>412</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>413</sup> Ibidem, pp. 40-41.

conhecimento que tem de si mesma. A pequena missionária é um arauto da misericórdia e confiança. Ninguém é menor, mais fraco do que ela. Assim propaga por toda parte a confiança na bondade de Deus e mostra às almas essa misericórdia e lhes ensina a amar e confiar”<sup>414</sup>.

É o que denomino ‘mortificação do medo’. Deus não deve nos atemorizar; ao contrário, deve suscitar em nós uma atitude de confiança filial. O medo nos amarra, impede-nos de crescer no amor de Deus. É mister superar a mentalidade jansenista de um Deus severo, sempre pronto a castigar e que só perdoa mediante a dor. Deus é sempre bom; um Pai amoroso, sempre disposto a perdoar gratuitamente. Como ensina Madre Maria Teresa, lutar contra o medo de Deus deve ser uma disciplina interior em nossa vida; algo que deve ser praticado todos os dias.

Acompanhando a mortificação do medo está a ‘mortificação da culpa mórbida’. Madre Maria Teresa, ao falar de autoconhecimento, apregoa a tomada de consciência de nossa fragilidade congênita. O pecado atingiu o mais íntimo de nosso ser. Encontramo-nos, pois, todos numa situação de fragilidade. Autoconhecimento é reconhecer esta situação sem se autocondenar. Somos pobres, frágeis, limitados e pecadores; porém, esta situação não nos leva ao desespero, pois Deus sempre nos acolhe e nos ama apesar de nossos pecados. A superação da condenação, do sentimento mórbido de culpa está na entrega de nossa vida a Deus, em saber-nos amados como pecadores – porque pecadores seremos sempre até o fim de nossas vidas, pois não somos perfeitos<sup>415</sup>. A mortificação da culpa mórbida é o esforço para superar a tentação de se

---

<sup>414</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>415</sup> NETTO DE OLIVEIRA, J. A., *Perfeição ou santidade e outros textos espirituais*, São Paulo, Loyola, 2000, p. 20: “Contrariamente à perfeição que dialoga com um código, a santidade dialoga com Alguém, com o Pai, com Cristo, construindo-se nesse lugar privilegiado de liberdade aberta ao sopro do Espírito. O santo nunca se julga alguém infalível, antes é pobre e aceita ser fraco. Contrariamente ao perfeccionista que pensa só poder ser amado se for digno, o santo aceita ser amado na indignidade, acolhe um amor que lhe é oferecido gratuitamente. Conseqüentemente não espera que os outros sejam dignos de seu amor para amá-los. Procura amá-los como Deus nos ama (...). Não é no fim da vida que se chega à santidade. Ela deve aparecer, de fato, em cada instante que passa, em cada pequeno ato de amor, de bondade, de compaixão, de abertura e de acolhida do outro. Santidade não é um resultado que possa ser contabilizado, é antes uma tendência, uma superação diária, um esvaziamento progressivo de si. Santidade é um caminhar: um passo depois do outro”.

autocondenar e de condenar os outros; esforço para nunca se fechar ao perdão de Deus<sup>416</sup>.

### 5.3.2.

#### **Fidelidade nas pequenas coisas: mortificação da vontade**

“Sem o madeiro da cruz o amor enlanguescer”<sup>417</sup>, gostava de repetir Madre Maria Teresa. É a cruz que mantém o vigor do amor. Por isso ela insistia tanto no tema do sacrifício: “Quanto mais nos sacrificarmos, mais nosso amor se fortificará”<sup>418</sup>. Porém, não se observam exageros ou duras penitências em suas exortações. O sacrifício na vida das pequenas missionárias se faz através de uma vida simples, marcada pela fidelidade aos deveres cotidianos:

“As pequenas missionárias, em regra geral, não usarão as práticas de mortificação corporal e penitências que exigem uma saúde muito forte. O seu principal exercício de mortificação será, a exemplo de santa Teresinha do Menino Jesus, a prática dos pequenos sacrifícios de toda hora e de todo instante, principalmente no tocante aos sentidos, ao coração e à vontade”<sup>419</sup>.

O valor dos pequenos sacrifícios está na fidelidade e não na obra em si. Para Madre Maria Teresa, a fidelidade é sempre uma demonstração de amor, assim como a negligência evidencia um amor ainda muito carente ou até mesmo ausente. Por isso, a fidelidade é a virtude que qualifica a autenticidade de um ato de amor, pois este, quando verdadeiro se conhece pela fidelidade cotidiana, cuja medida será igualmente a medida de nosso amor:

“Para isso sejamos fiéis na prática de nossos deveres, na aceitação das provas que nos possam trazer a vida comum, no convívio com os superiores, com as irmãs, com as doentes; precisamos vencer as repugnâncias, vencer as paixões, vencer a natureza quando ela se sente incapaz de afrontar o exercício das virtudes; suportamos as próprias fraquezas sem demonstrar abatimento, sempre na serenidade do sorriso heróico. Sacrifício dos sentidos, do coração, não dando vaga a sentimentos sensíveis, seja a respeito da família ou das irmãs; refreando as simpatias e vencendo as antipatias. Seja ainda na obediência, que oferece um campo tão grande, tão vasto à mortificação. Pequenos nada que a toda hora se apresentam, pequenos sacrifícios que nós não precisamos procurar, mas que devemos ser engenhosas em não perder, em ir ao seu encontro. Não basta receber

---

<sup>416</sup> Para aprofundar o tema do sentimento mórbido de culpa, sugiro o artigo de GARCIA RUBIO, A., *Prioridade do perdão sobre a culpa*. In: ATUALIDADE TEOLÓGICA, Rio de Janeiro, 2005, ano IX, fasc. 21.

<sup>417</sup> MADRE MARIA TERESA, *Espírito de mortificação*. In: *CMMTJE*, Vol II, p. 231.

<sup>418</sup> *Ibidem*.

<sup>419</sup> *Idem*, *A mortificação*. In: *CMMTJE*, Vol. I, pp. 207-208.

ou não recusar. Precisamos, sobretudo, descobri-los e preparar-lhes uma aceitação amorosa. Suavizá-los pelo amor”<sup>420</sup>.

Fidelidade é, portanto, exercício cotidiano da vontade para corresponder, ou melhor, para corretamente discernir os gestos de amor de Deus, e sempre a eles responder, nas mais variadas circunstâncias de nossa vida. Gradativamente, dia após dia, num processo constante de fortalecimento da vontade, devemos dar morte ao nosso comodismo, às nossas preferências pessoais, aos nossos apegos e afetos desordenados. No entanto, Madre Maria Teresa não prega um simples exercício da vontade, isto é, uma ‘ascese estóica’ apenas; ela nunca perde de vista o essencial que deve nortear qualquer prática de mortificação: o crescimento na capacidade de amar. É assim que ela concebe, no conjunto de sua obra, o que denomino ‘mortificação da vontade’.

### 5.3.3.

#### **Amabilidade constante: mortificação do temperamento**

Um rosto sempre sereno, um sorriso acolhedor, amabilidade no trato com as pessoas é para Madre Maria Teresa a prática mais eficaz de mortificação:

“A nossa forma de penitência é a penitência interior: penitência da vontade, do amor próprio, do orgulho, do temperamento, da alegria constante, da fisionomia sempre amável, nas mais diferentes circunstâncias. (...) A santa regra diz assim: As pequenas missionárias de Maria Imaculada considerarão como uma das suas mortificações peculiares a serenidade exterior e a contínua amabilidade para com o próximo. Mesmo em meio às contradições e sofrimentos íntimos, devem esforçar-se por conservar o ânimo alegre e dispensar a todos atenções e amabilidades, o sorriso heróico que tanto atrai as almas para Jesus”<sup>421</sup>.

A amabilidade com o próximo ajuda-nos a vencer o individualismo, pois a mortificação, além de ser um caminho que leva ao autoconhecimento, comporta também luta contra o egocentrismo. Por isso, Madre Maria Teresa considerava o bem do próximo como critério de validade e autenticidade para a prática da mortificação: “A alma que consegue dominar-se a ponto de não mostrar nunca uma cara azeda, impaciente, aflita, chorosa, zangada, mas uma fisionomia alegre e serena. Oh! Esta alma se possui, é capaz de toda mortificação”<sup>422</sup>.

Madre Maria Teresa inclusive dá algumas orientações práticas às suas religiosas de como realizar a mortificação do temperamento:

<sup>420</sup> Idem, *Espírito de mortificação*. In: *CMMTJE*, Vol II, p. 229.

<sup>421</sup> Idem, *Mortificação*. In: *CMMTJE*, Vol. I, p. 48.

<sup>422</sup> *Ibidem*.

“Nós não temos que fazer os outros sofrerem as conseqüências da nossa falta de paz; da nossa falta de serenidade interior, das nossas provações interiores e de nossas lutas íntimas, dos nossos sofrimentos. Ninguém tem culpa do que se passa e isso tudo deve ser trancado lá dentro, e é com nossa superiora, com o nosso confessor que devemos desabafar essas coisas; mas para as nossas irmãs, sempre a serenidade, a suavidade, a alegria que nós devemos dar e não só com nossas irmãs, mas com nosso próximo em geral, com todos aqueles com quem nós convivemos”<sup>423</sup>.

Aparentar alegria no meio da tristeza e dos aborrecimentos não seria fingimento? Madre Maria Teresa responde:

“Não, porque sorrindo, mostramos um sentimento que queríamos ter (...). E depois, a alegria a que nos referimos não são as risadas espalhafatosas, a fala barulhenta, mas a serenidade da fisionomia, a amabilidade que é tão difícil quando somos ofendidas, incompreendidas, quando sofremos uma dor moral ou mesmo física”<sup>424</sup>.

Ainda recomenda que toda e qualquer prática de mortificação deve ser realizada sigilosamente, de tal modo que ninguém perceba:

“Enfim, a pequena missionária deve estar sempre em contínua mortificação, mas não de cara fechada e mau humor, não! Deve fantasiar a sua mortificação, disfarçá-la com um sorriso, com uma brincadeira; ninguém deve perceber que a pequena missionária está se sacrificando. As mortificações da pequena missionária devem ser praticadas somente diante dos olhos de Jesus. Elas devem imitar, neste ponto, santa Teresinha”<sup>425</sup>.

“Desperdiçamos muitas de nossas mortificações porque as fazemos de mau humor, resmungando”<sup>426</sup>. Fica claro por esta afirmação que Madre Maria Teresa, em todas as suas práticas de mortificação, jamais perdeu o binário que deveria conduzi-las: amor a Deus e ao próximo. Portanto, se alguém, ao realizar um exercício de mortificação, se fizer triste e azedo, é melhor que não o faça; pois na realidade não está se mortificando. A alegria é um dos frutos que identifica a verdadeira mortificação; sem ela não está havendo crescimento no amor. Por isso um dos motes de Madre Maria Teresa era este: ‘Não basta praticar a mortificação, é preciso praticá-la com alegria’<sup>427</sup>.

<sup>423</sup> Idem, *Espírito de mortificação*. In: *CMMTJE*, Vol II, p. 287.

<sup>424</sup> Idem, *Mortificação*. In: *CMMTJE*, Vol I, p. 49.

<sup>425</sup> Idem, *O Espírito de mortificação*. In: *CMMTJE*, Vol. I, p. 73.

<sup>426</sup> Ibidem, p. 72.

<sup>427</sup> Cf. Idem, *Espírito de mortificação*. In: *CMMTJE*, Vol. II, p. 231.

#### 5.4. Conclusão

Pelos textos que analisamos é notório concluir que Madre Maria Teresa emprega algumas categorias próprias da antropologia dualista e da soteriologia da satisfação. E isso é natural, pois ela foi formada no contexto de uma época, as primeiras décadas do século XX, cujos termos mais comuns da linguagem teológica eram estes. Não se pode negar que ela é ‘herdeira’ de um período da história da teologia. Além do mais, ela tem algumas conferências nas quais explica às suas religiosas os conceitos básicos presentes nos clássicos manuais de ascética e mística<sup>428</sup>. Portanto, ela conhecia muito bem a linguagem teológica comum a esses manuais, e não é de estranhar que tenha feito uso deles.

Contudo, apesar da influência teológica da época, Madre Maria Teresa avançou na compreensão e na prática da mortificação. E para isso muito contribuiu sua saúde bastante frágil, que a impedia de fazer penitências austeras. Como também foi determinante a teologia da pequena via de santa Teresinha, que a levou a superar o famigerado ‘medo de Deus’, disseminado pelo jansenismo. Ainda de santa Teresinha, Madre Maria Teresa assimilou a fidelidade a Deus nas pequenas coisas do dia-a-dia, banindo definitivamente de sua vida a falsa idéia de que penitência só acontece através de austeros sacrifícios corporais. Foram, sem dúvida, esses os fatores determinantes que levaram Madre Maria Teresa a elaborar para si e, posteriormente, para sua congregação religiosa, uma prática de mortificação nova, inédita até então.

E o ponto, digamos, ‘nevrálgico’ do pensamento e obra de Madre Maria Teresa encontra-se na superação da ‘teologia do dolorismo’. Ela não faz da dor um valor salvífico em si mesmo, quebrando, dessa maneira, a coluna de sustentação do dolorismo. Segundo Madre Maria Teresa, para nos configurarmos a Cristo não há necessidade de buscar a dor, mas, sim, a vivência do amor-caridade. O sofrimento, a dor, são apenas conseqüências do esforço empregado para purificar o amor humano até que este atinja o nível de oblatividade a Deus e ao próximo. Isto ficou patente quando analisamos os textos relacionados à sua concepção antropológica e soteriológica.

---

<sup>428</sup> Cf. Idem, *Teologia ascética e mística*. In: *CMMTJE*, Vol. II, pp. 106-109. 138-142. 160-166.

Alicerçada neste conceito de mortificação, finalmente desvencilhado do dolorismo, foi possível à Madre Maria Teresa desenvolver também uma nova prática de mortificação, direcionada exclusivamente à disciplina interior, isto é, à purificação do temperamento e da vontade. Justamente, por isso, as constituições das irmãs pequenas missionárias, como regra geral<sup>429</sup>, proíbem as práticas de mortificação corporal<sup>430</sup>. Fato inédito, numa época em que as mortificações corporais eram uma práxis comum à maioria das congregações religiosas.

Mortificação do medo de Deus, da vontade e do temperamento. Essas três formas de mortificação sintetizam o contributo de Madre Maria Teresa à nossa proposta de elaboração de uma nova teologia e de uma nova práxis da mortificação cristã. E, ainda mais, ela comprovou, pela fecundidade pastoral de sua vida, que a mortificação não é algo opcional, mas elemento imprescindível ao desenvolvimento da vida cristã. E aí já temos elementos para responder aos questionamentos suscitados na primeira parte desta pesquisa.

Madre Maria Teresa deu seu contributo, o processo de atualização do conceito e da práxis da mortificação, porém, continua. Na terceira parte desta tese, procuraremos continuar respondendo aos questionamentos levantados acerca da necessidade da mortificação, além de oferecer sugestões para uma atualizada teologia e práxis da mortificação cristã, a partir dos desafios da sociedade contemporânea, profundamente marcada pelo consumismo e pelo individualismo.

---

<sup>429</sup> A regra geral é não praticar penitências corporais, salvo orientação contrária do diretor espiritual.

<sup>430</sup> Cf. CCPMMI, n. 62.